

MONTEIRO LOBATO E O PRISIONEIRO DE UBATUBA

Odilon Nogueira de MATOS

Em 1925, publicado pela Companhia Editora Nacional, então sediada no Rio de Janeiro, e como título inicial de um dos mais vastos catálogos editoriais do País, apareceu um volume quase em formato de bolso intitulado **Meu cativo entre os selvagens do Brasil**. Continha a tradução "ordenada literariamente" por Monteiro Lobato do famoso relato de viagem de Hans Staden, impresso originalmente na Alemanha em 1557 e reconhecidamente o primeiro livro publicado sobre o Brasil. De fato, o que se conhece anterior a Hans Staden são breves notícias, como as cartas de Américo Vespucci, os capítulos do **Paesi nuovamente retrovate**, a **Nova Gazeta da Terra do Brasil** e outros que tais. Livro "mesmo", a prioridade cabe ao simpático artilheiro prisioneiro de Ubatuba.

É significativo registrar que, de tudo quanto se publicou sobre o Brasil nos primeiros tempos, nenhum texto obteve maior repercussão que o relato da viagem de Hans Staden. Em cuidadoso arrolamento realizado por Carlos Fouquet, figuram 50 edições tiradas na Europa antes que aparecesse a primeira edição brasileira, o que só ocorreu em 1892. E não só em língua alemã, mas também em holandês, inglês, francês e até em latim. O curioso é que as edições em língua holandesa superam de muito as publicadas em alemão (17 nesta para 25 naquela). E anote-se, ainda, quatro edições em latim, duas em francês e uma em inglês, esta com anotações de Richard F. Burton, famoso viajante que andou pelo Brasil no século passado. Isto, como já se notou, antes que aparecesse o livro pela primeira vez no país de que ele trata...¹

(1) Fouquet, C. - *Bibliografia da "Verdadeira História" de Hans Staden*, em "Boletim Bibliográfico", vol. IV, pp. 8-31, São Paulo, 1944.

Passaram-se realmente mais de trezentos anos sem que o famoso relato de Hans Staden viesse a ser conhecido em nosso País. Isto só ocorreu em 1892 com a tradução de Tristão de Alencar Araripe Júnior, que, aliás pouco contribuiu para a sua divulgação, pois foi publicada não em livro, mas nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de circulação restrita. E ainda com o grave inconveniente de não ser uma tradução direta do original alemão, mas da edição francesa de Ternaux-Compans, publicada em Paris em 1839. Em volume a obra só aparecerá em 1900, numa edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil, em tradução direta por Alberto Loefgren, com notas de Teodoro Sampaio. Esta edição foi, trinta anos mais tarde, aproveitada pela Academia Brasileira para uma reedição bem mais cuidada e de melhor apresentação gráfica que a do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Portanto, quando Monteiro Lobato se propôs à sua "ordenação literária", o livro já era bastante raro. O texto do escritor paulista difere bastante do original quanto à ordenação da matéria, sem, contudo, prejudicar o entendimento. Aliás, o próprio Monteiro Lobato declarou-o no prefácio à edição de 1925: "esta obra, que devia andar no conhecimento de todos os brasileiros, viveu até hoje restrita aos estudiosos por falta de uma coisa só: ordem literária. Sem este tempero, por mais interessante que seja, não consegue uma obra vulgarizar-se. Com esta edição fazemos uma tentativa neste sentido. Ordenamo-la literariamente, com o mais absoluto respeito ao original, de modo que venha a lucrar em clareza sem prejuízo do caráter documental". E quanto ao interesse do livro, acrescentou: "É obra que devia entrar nas escolas, pois nenhuma dará melhor aos meninos a sensação da terra que foi o Brasil em seus primórdios". E neste espírito, desenvolvem-se os 53 capítulos, pequenos todos eles, no máximo de três páginas cada, reproduzindo as deliciosas gravuras da edição original, que figuram também na edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e em todas as demais que do livro se fizeram ao logo de todo este tempo. Constituem tais gravuras os primeiros documentos pictóricos da vida brasileira. Só por elas valeria o livro de Hans Staden, inda que outros méritos não tivesse.

Meu cativo entre os selvagens do Brasil alcançou excelente repercussão, pois já no ano seguinte aparecia a segunda

edição, com a Companhia Editora Nacional agora estabelecida em São Paulo, à rua dos Gusmões. Esta segunda edição apresenta uma originalidade: figura como volume primeiro de uma coleção intitulada “Brasil Antigo”, que prometia muita coisa, mas ficou em dois volumes, sendo o segundo o livro também famoso de Jean de Léry, e também “ordenado literariamente” por Monteiro Lobato. E a repercussão do livrinho continuou, pois em 1927 aparecia uma terceira edição, que foi reimpressa três vezes, em 1932, 1934 e 1939.

Monteiro Lobato retomou seus *Hans Staden* vinte anos mais tarde, em 1945, também para a Companhia Editora Nacional, no volume *Hans Staden, suas viagens e cativo entre os índios do Brasil*, integrando a preciosa coleção “Biblioteca do Espírito Moderno” (seção “História e Biografia”, vol. 39). Esta edição acrescenta algumas páginas que não constam do tempo em que o livro se chamava *Meu cativo entre os selvagens do Brasil: a dedicatória de Staden ao “Sereníssimo e Nobilíssimo Senhor Príncipe Philipsen, Landgrave de Hessen”*, o prefácio de um certo D. Dryander, a oração de Staden “enquanto estava entre os selvagens para ser devorado” e mais 36 pequenos tópicos (chamados impropriamente “capítulos”) que antecedem a narrativa tal como ocorre nas três edições anteriores; a seguir, os 53 capítulos do *Meu cativo* são reproduzidos integralmente.

No prefácio a esta edição de 1945, que, sem qualquer razão aparente, reproduz o prefácio à edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de 1900, Monteiro Lobato volta a insistir no interesse de sua “ordenação literária”: “Ora, as traduções literais podem ser muito interessantes para os estudiosos de uma obra, não para o público, visto como a falta das qualidades modernas de clareza e ordem literária dificultam a leitura para a grande maioria dos leitores, composta de curiosos apenas interessados na história e não no estilo bárbaro em que foi escrita”. Isto vem a propósito da declaração do dr. Alberto Loefgren justificando ter feito para a edição do Instituto Histórico uma tradução “literal”. E continua Lobato: “Daí a nossa idéia de remodelar a tradução no sentido de maior clareza, sem prejudicar a narrativa em coisa nenhuma. Tudo quanto *Hans Staden* contou em seu livro está no texto da presente edição, apenas com mais ordem e clareza. Era o meio de reviver o interessantíssimo livro e o fizemos para benefício do grande público.”.

A sugestão de Monteiro Lobato de fazer o livro de *Hans Staden* “entrar nas escolas” não se viabilizou, mas o grande escritor

acabou fazendo mais: procedeu a uma adaptação infantil das "aventuras" do viajante alemão. Lembro-me de quando apareceu. Deveria andar pelos meus dez para onze anos e fiz questão de ler a curiosa história narrada por Dona Benta aos seus netinhos Pedrinho e Narizinho e mais Emília e Tia Nastácia. Não houve menino da época que não lesse essas "Aventuras de Hans Staden", tornando o nome do simpático artilheiro familiar à garotada de então. Possui por muito tempo o exemplar adquirido na velha e tradicional Casa Genoud, de Campinas, rua Barão de Jaguará esquina com César Bierrenbach, onde se localiza hoje a redação do "Diário do Povo". E este livro continuou sempre sendo reeditado entre a literatura infantil do escritor paulista.

Hoje, dispomos de edições melhores e mais completas de Hans Staden. Ninguém precisará recorrer à "ordenação lietrária" de Monteiro Lobato para conhecer o relato famoso, do qual numerosas edições existem ao alcance dos leitores. Mas pareceu-nos justo recordar a contribuição do autor de Urupês para a divulgação do precioso livro, pois, como acertadamente ponderou C. Fouquet, "graças à edição popular preparada por Monteiro Lobato e à respectiva adaptação para o mundo infantil, o prisioneiro de Ubatuba se tornou conhecido em círculos dilatados e, não por último, entre a juventude brasileira".²

Fato deveras curioso: a edição Lofgren/Teodoro Sampaio, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1900), que serviu de base para a da Academia Brasileira de Letras (1930) é, reconhecidamente, uma edição incompleta, pois abrange apenas uma das duas viagens que Hans Staden realizou ao Brasil. Uma edição realmente completa do texto stadeniano só apareceu em 1941, promovida pela Sociedade Hans Staden, de São Paulo, em tradução direta de Guiomar de Carvalho Franco, com introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco. Daí, o título que lhe foi dado: *Dois Viagens ao Brasil*. Simultaneamente, apareceu uma edição em alemão moderno, aos cuidados do já citado dr. Carlos Fouquet.

No entanto, é a edição "incompleta" do Instituto Histórico de São Paulo que tem servido de base para diversas outras edições modernas do famoso livro - Progresso (1955), Ouro (1963) e uma

(2) Fouquet, C. - Obra citada, p. 12

nova edição da Academia Brasileira de Letras (1988), bem como para algumas interessantes adaptações, como as de Manoel de Abreu Campanário (1980) e Luiz Antônio Aguiar (1988).³ Enquanto que a edição "completa", de Carvalho Franco, só uma vez em meio século mereceu uma reedição, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em sua preciosa coleção "Reconquista do Brasil", volume 17, de 1974.

(3) Campanário, Manoel de Abreu - Hans Staden: o homem e a obra. São Paulo, Parma, 1980 - Aguiar, Luiz Antônio - Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil. São Paulo, Melhoramentos, 1988.